

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Roberto Gavaldón, O Outro Mexicano

30 de Setembro e 4 de Outubro de 2025

HAN MATADO TONGOLELE / 1948

um filme de ROBERTO GAVALDÓN

Realização: Roberto Gavaldón / Argumento: Roberto Gavaldón, Ramón Obón / Fotografia: Jorge Stahl Jr. / Música: Antonio Díaz Conde / Direcção Artística: Jorge Fernández / Cenários: Pedro Gallo / Montagem: Rafael Ceballos / Som: James L. Fields, Rafael Ruiz Esparza / Interpretação: Tongolele (Yolanda Móntez 'Tongolele'), David Silva (Carlos Blanco), Manuel Arvide (Marcelo), Concepción Lee (Lotto), Seki Sano (Chang), Lilia Prado, Lilia Prado (Clarita/irmã de Clarita), José Baviera (Empresário teatral), Lila Kiwa (Lila), Julián de Meriche, Don Francesco (Julién de Meriche, coreógrafo), Armando Velasco (Comandante da polícia), Ildefonso Veja (Cheto), Jorge Mondragón (Médico legista).

Produção: (México) / Produtor: Luis Manrique / Director de Produção: Paul Castelain / Cópia: em DCP, preto e branco, 69 minutos, versão original com legendas em inglês e electrónicas em português / Estreia mundial: 30 de Setembro de 1948, México / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

No seu artigo sobre o cinema de Gavaldón, Paulo António Paranaguá refere como entre os filmes menos importantes e menos apreciados de Gavaldón, **Han Matado Tongolele** (1948) e **Sombra Verde** (1954) são merecedores de menção. “O primeiro por ser protagonizado por Tangolele, personalidade popularíssima nos espectáculos de variedades de então, deslocando-se assim uma história de detectives para um teatro com uma complicada planta em termos de andares e labirínticos corredores que desempenham um papel-chave na narrativa, anunciado a importância de labirintos espaciais interiores em filmes posteriores como **Doña Macabra** (1971)”.

Mas, se no contexto da obra de Gavaldón, é um caso relativamente discreto, embora a descrição não seja o principal dos atributos de **Han Matado Tongolele**, é também um filme extremamente relevante com contexto do cinema mexicano dos anos quarenta, revelando-se como um exemplo extremamente conseguido de um género que só aí florescia. Trata-se de um género ou sub-génio que ficaria conhecido como “cine de rumberas”, cuja origem supostamente remontará a uma cena de **Que Viva México!** (1930) de Serguei Eisenstein, em que Maruja Griffel dançava o rumba.

Como género tratava-se de um cinema herdeiro de espectáculos musicais, que nos anos quarenta e cinquenta tinham grande sucesso no México urbano, e que se traduzia em filmes que retratavam mulheres que se dedicavam ao mundo do espectáculo ou trabalhavam em cabarés, entre elas bailarinas exóticas ou prostitutas que desafiavam a moral mais conservadora. Era considerado um cinema imoral, que incitava ao pecado, mas cujas sessões estavam cheias, contribuindo para o florescimento da chamada “Época de Oro” do cinema mexicano. As denominadas “rumberas” eram bailarinas de ritmos afro-antilhanos, e este género foi sendo considerado como um dos híbridos fascinante em

termos de cinematografia mundial, uma vez que encontra as suas raízes em diversos géneros cinematográficos. Entre eles o film noir, então muito popular no México, que se encontrava com este género nas suas mulheres fatais que atravessavam a noite despertando as maiores paixões, mas também um cinema social e urbano de tom melodramático, como é o caso de outros filmes de Gavaldón. O argumento típico era centrado em heroínas de baixa condição social que, por azares do destino, caíam na má vida ou se envolviam com gangsters. No caso das “rumberas” estas mulheres também dançam.

Um género que permitia também um olhar sobre o papel das mulheres da noite no México dos anos quarenta e cinquenta, que se confrontavam com a moral do seu tempo, e que se apresentavam como personagens alternativas às ingénuas protagonistas de melodramas mais rurais da primeira metade dos anos quarenta, em que o romantismo prevalecia muitas vezes sobre o realismo social. A paisagem urbana do pós-guerra e seus arredores era vista com o espaço de perdição. Ainda que de forma estilizada o “cine de rumberas” procurava imitar os números do musical de Hollywood dos anos trinta. E se as primeiras “rumberas” dançavam ao ritmo da rumba, depressa surgiram outros ritmos musicais afro-antilhanos e afins.

Han matado a Tongolele centra-se precisamente na figura de Tongolele, ou Yolanda Montes que, no filme e na vida real, era uma famosa bailarina destes ritmos exóticos. Na história está à beira de um casamento, para desespero de todos os que a rodeavam e que consideravam que o seu abandono do teatro os levaria à ruína. Entre muitos ciúmes, desejo e ganância, desenvolve-se um argumento de foro policial em torno de uma esperada morte. O título anuncia-o de entrada. Nascida nos Estados Unidos onde, ainda adolescente, trabalhou como bailarina numa revista taitiana, em 1947 Yolanda Montes emigrou para o país vizinho, onde adoptou o nome de Tongolele no seu espectáculo no cabaret Tívoli, na Cidade do México. Na altura em que protagoniza o filme de Gavaldón, Tongolele teria apenas dezasseis anos e já eram uma das favoritas do teatro de variedades da cidade, tendo posteriormente ficado conhecida como a “rainha das danças tahitianas” ou a “deusa pantera”.

Mistura de musical de cabaret com film noir, **Han matado a Tongolele** é assim um curioso exercício construído em volta da popularidade de Tongolele. Do noir fica sobretudo o argumento intrincado, em que os caminhos se bifurcam e os mortos ressuscitam. Tudo isto enquadrado por uma mise en scène exuberante, com a exploração dos já referidos corredores labirínticos, a organização do teatro em altura, as entradas e saídas das personagens à socapa, o jogo do gato e do rato, a troca de identidades – mais uma vez há duas gémeas, numa reviravolta de argumento que testa todos os limites da verosimilhança –, que coincidem com um ambiente duro em que encontramos uma bailarina viciada em droga (que consome frente há câmara, algo que não claramente víamos no cinema de Hollywood), homens e mulheres sem escrúpulos, e um ambiente de puro desejo. Tudo isto colmatado por um exótico felino que sairá da sua jaula. O ambiente do teatro de variedades e do circo confundem-se com um inquérito policial, num ovni que toca também o musical com muita sensualidade e ritmos tropicais.

Joana Ascensão